

# *In Memoriam* Professor Doutor José Augusto Miranda Mourão



Deus, doem-nos as palavras  
dói-nos a voz para dizer  
que o nosso irmão deixou de  
estar no meio de nós  
dá-nos a força  
para atravessar esta hora de lágrimas  
e a ele a estrada  
que percorreu como um cavalo alado  
vagabundo e livre  
reveste-o da intensidade e da alegria  
que lhe marcava o porte o rosto  
José Augusto Mourão in “O Nome e a Forma”

## **Entre mundos, a sedução do real em José Augusto Mourão**

Falar de José Augusto Mourão escapa a qualquer fórmula circunstancial, tal como a sua vida não se incabe em enquadramentos redutores: com duas vidas, a teologia e a semiótica, entre dois mundos, o de pertença aos dominicanos e o de académico, é sobretudo o Homem e o esteta dotado de uma curiosidade invulgar pelo que o rodeia, na procura da verdade, o amor ao estudo e ao estar-se com, intimidativamente tímido naquela “alegria-triste” que convocou para si, e palavra-chave com que se autodenominou.

Membro do Comité executivo da Associação Internacional de Estudos Semióticos (desde 1999), Coordenador do Grupo de Trabalho (GT) de Semiótica (SOPCOM) (2009). Professor Associado com agregação na Universidade Nova de Lisboa, membro do Centro de Estudos de Comunicação e Linguagem (CECL), Presidente do Instituto S. Tomás de Aquino (ISTA). É autor de *O Mundo e os Modos da Comunicação* (Minerva, 2006); com Maria Augusta Babo: *Semiótica. Genealogias e Cartografias* (Minerva, 2007). *O Nome e a Forma*, Lisboa, Pedra Angular, 2009. *Textualidade Electrónica Literatura e Hiperficcção*

(Vega, 2009). (dir.) *Dicionário Histórico das Ordens e Instituições em Portugal*, juntamente com José Eduardo Franco e Ana Cristina Costa Gomes (Gradiva, 2010).

Autor de uma vasta obra – *Quem vigia o vento não semeia*, é o livro ainda no prelo –, refira-se a particularidade da sua produção em “double-bande”, a escrita resultado da investigação académica e a criação literária não académica: a hiperficção é um dos seus mais intensos labores, mas os textos para música litúrgica, a homilética e a investigação na área da cultura ocupam igualmente um papel muito importante na sua vida. Dividido entre estes mundos, e em diálogo entre eles, conviveu e estudou com gente da Semiótica, A. J. Greimas, P. A. Brandt, P. Fabbri, F. Genuyt e F. Martin, e da Teologia, D. Chenu, J. Ducquoc, mas ainda da História e Filosofia das Ciências, Ana Luísa e Estela...

José Augusto Miranda Mourão, nascido a 12 de Junho de 1947, em Lordelo, Vila Real, Portugal, ainda jovem seminarista, parte para o Porto para frequentar o Curso Superior de Teologia no Instituto Superior de Estudos Teológicos, onde conhece e priva com o célebre Bispo do Porto, D. António Ferreira Gomes, que de imediato lhe reconhece o espírito rebelde e as qualidades de esteta. Mais tarde, também Frei Bernardo Domingos e Frei Mateus Peres terão um papel decisivo ao levarem-no a enveredar pela vida comunitária nos dominicanos. Acabara de escolher a família com quem iria partilhar a vida, até o fim. Será na Faculdade de Teologia de Lyon que, em 1977, conclui a licenciatura em Teologia, nos domínios da Semiótica textual, e entre 1985-1990 desenvolve investigações que levaram à apresentação da tese de doutoramento em Línguas e Literaturas Modernas, subordinada ao título *Para uma semiótica literária. Paixão, discurso, nos Trabalhos de Frei Tomé de Jesus*. Já exercendo atividade docente desde 1981, é o doutoramento em Teoria da Literatura que o vincula desde 1991 à Universidade Nova de Lisboa, onde em 1999 obtém a agregação em Semiótica.

Dotado de um inconformismo radical, e atraído pela questão da linguagem e a paixão pela palavra, distanciando-se do espartilho da Escolástica, é na análise estruturalista da narrativa que encontra o método de estudo da Bíblia na perspectiva da Semiótica, um campo, à época, praticamente inexplorado, a desbravar, pelo que de imediato adquire a consciência de que era por ali que queria caminhar, era esse o caminho que iria percorrer, sujeito do rigor do estudo e da entrega da paixão.

É, então, que entre 1988-1990 frequenta em Paris, o Seminário organizado pela Universidade de Paris VIII e a Escola dos Altos Estudos, sob a direção de Jean Petitot e Jean-Claude Coquet, em torno do estruturalismo dinâmico, e simultaneamente segue as jornadas de Semântica Geral, orientadas por A. J. Greimas e Paolo Fabbri, em torno das questões do sujeito, das paixões e da enunciação, tendo frequentado ainda o Seminário sobre Filosofia das Formas Textuais no Instituto Católico de Paris, orientado por Francis Jacques.

Ator (salvé, Greimas) atento da sua temporalidade, atuando por uma predileção ousada em territórios limite, balizando entre a hipertextualidade e as questões da ética e da literatura, e na confluência das abordagens ao campo da cultura e da semiótica,

expressa a sua afinidade a Umberto Eco e a Paolo Fabbri, que reencontra o ano passado em Veneza: «per l'amico e collega e per il ruolo importante che ha svolto nella ricerca semiótica» (Fabbri).

No entendimento da Bíblia como literatura e não como Palavra de Deus, em leitura metodologicamente guiada do «Texto dos textos» – «*A leitura dos textos há-de ser branca*» –, torna-se num controverso protagonista da polémica em torno do Nobel da Literatura, José Saramago.

“*A Leitura como Aventura*” é o artigo publicado no *Jornal das Letras (JL)* em Novembro de 2009, e anunciando a objetividade da sua perspectiva na Conferência que proferirá no Centro Cultural Dominicano, a 16 de Janeiro de 2010, “*Literatura e Bíblia. O Caim de Saramago*”:

A Bíblia não é apenas o código, o arquivo, o fio vermelho que atravessa o tecido de todos os textos, com a função de decifrar uma literatura que cada vez se afasta mais dela. É imperioso afirmar a produtividade dos textos contra a tendência que leva a considerá-los como depósito inerte... O original nunca está imóvel. Nenhum texto evita a tradução, a glosa, a deriva interpretativa. O texto fala-me, mas nunca saberei o que resultará do meu encontro com ele. Não há leitura que não seja uma aventura arriscada. ... Não se peça aos textos iterados uma receita, um analgésico, o previsível: um texto que não obriga a deslocar-se, que não desenhou uma interrogação com um travesseiro, não é um texto. (MOURÃO, 2009)

Já quando da sua intervenção no debate em torno de um outro texto, “*O Evangelho*”, é nestes termos que o próprio José Saramago, no *Diário de 1994*, a 10 de Outubro, escreve sobre Mourão:

José Augusto Mourão, que é universitário e dominicano, analisa o Evangelho de um ponto de vista ao mesmo tempo «teológico» e «acadêmico», mistura que chega a ser fascinante, pois tive de perguntar-me algumas vezes quem estaria escrevendo, se o professor ou o monge. Por todos os motivos, não me atreveria a discutir com ele: o livro sabe mais do que eu, que se defenda...agradecido, sim, transcrevo o último parágrafo do artigo: «Aos cães do Senhor (mesmo os dominicanos) não compete ladrar à lua de um texto imóvel, fetichizado (*noli me tangere*) que sangraria porque o tocávamos. A sua função é a crítica, não a ordália. É porque reconhecemos que há interferências entre este tipo de discurso e o discurso crente, que devemos argumentar, dialogar, estabelecendo a boa distância que a crítica instaura para que a iniciativa semântica não nos esteja já no bolso e nada pudéssemos receber do nosso interlocutor. A partilha das vozes é necessária, pese embora isso às castas do poder sacerdotal e teológico. Transportamos uma memória, sem dúvida. Mas a memória suscita um corpo, um contexto sensível onde dizer-se. E é esse contexto que exige uma palavra nova. E não há palavra nova que não venha marcada pelo fogo ou pelo vento. (SARAMAGO, 1994, pp.140-141).

É esta a ressonância do diálogo de Mourão com alguns escritores contemporâneos

(para além de Saramago, Torga, Maria Grabiela Llansol, Vergílio Ferreira, Eugénio de Andrade ou Marguerite Duras, Célán, Beckett, Proust...) ao mesmo tempo que procede à leitura de objetos semióticos mais afins às ciências da comunicação, problemáticas dotadas de uma textura aberta a fruições e hipóteses interpretativas: «O meu maior prazer vem daquilo que partilho com quem se preocupa com as coisas deste mundo e do outro que não vemos. Não perder o anel, esse é o desígnio. O resto é literatura.» (MOURÃO: <http://triplov.com/map/somos/jose.html>)

Um dos seus interesses mais recentes centra-se em torno do que chegou a intitular num ciclo de conferências no ISTA “*A Tirania da Imagem*”, e sequencialmente a semiótica da moda vai ampliar o campo das suas indagações, na linha dessa atracção pelo híbrido, território de contaminações profícuas, de contágio e trânsito, de mutação, por excelência... De um dos seus últimos escritos posso transcrever:

É a primeira vez que falo (escrevo) de moda porque é o tópico e o contexto que nos reúne. Gostaria de levantar três tipos de questões: que fronteira separa (ou liga) o corpo e a roupa, que é um actor criativo, que relação entre a moda e a comunicação. Falarei enfim da linguagem dos perfumes. (MOURÃO, 2011, p.1)

Fiquei a ler o seu texto, buscando na obscuridade a luz, perguntando e parafraseando um outro poeta, ...e agora, José?

«Somos todos órfãos afinal», respondera-me já um dia José Augusto.

## Referências

MOURÃO, J. (2011). *A moda – uma retórica (quase perfeita) dos sentidos?* Interações e interpaixões. Inédito, Lisboa.

\_\_\_\_\_. (2009). “Leitura como aventura”. In: *Jornal das Letras*, n. 1020 de 4 a 17 de nov.

\_\_\_\_\_. (2009). *O Nome e a Forma*. Pedra Angular: Lisboa.

SARAMAGO, J. (1994). *Cadernos de Lanzarote. Diário – I*. Caminho: Lisboa.

MARGARIDA ANJOS AMARO é mestre em Ciências da Comunicação e doutoranda na Universidade Nova de Lisboa, onde prepara a Tese “Moda e Comunicação: Fundamentos Culturais /Sentidos Estéticos”, orientação José Augusto Mourão/Maria Augusta Babo. Investigadora do Centro de Estudos de Comunicação e Linguagens (CECL) e colaboradora do Grupo de Investigación de Estudios de Semiótica de la Cultura (GESOC), Madrid. É bolsista da Fundação para a Ciência e Tecnologia – FCT.